

Fernando Molica

Os soldados perdidos de Geraldo Vandré

A participação de militares na conspiração golpista atualiza os versos de Geraldo Vandré que, há 56 anos, anteciparam o endurecimento da ditadura e o desespero: “Há soldados armados, amados ou não/ Quase todos perdidos, de armas na mão”.

Em setembro de 1968, a dois meses e meio da decretação do AI-5, num país em que muita gente ainda chorava o assassinato do secundarista Édson Luís e exaltava a Passeata dos Cem Mil, Vandré empunhou seu violão e, num Maracanãzinho lotado, apresentou “Caminhando” (“Pra não dizer que não falei das flores”) — a “Marselhesa” brasileira, na definição de Millôr Fernandes.

Era uma típica canção revolucionária: de harmonia simples (pode ser tocada com dois acor-

des) e recheada de versos fortes, que exaltavam a revolta e, mesmo, o voluntarismo: “Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer”.

Vandré fez um diagnóstico das mazelas brasileiras — a fome em grandes plantações —, exaltou os indecisos cordões que, nas ruas, mostravam resistência à ditadura.

E foi preciso na estrofe em que analisa e critica o comportamento de militares, focou não nos oficiais, mas nos soldados, armados e perdidos.

Os dois versos seguintes são igualmente brilhantes ao ressaltar o papel dos que creem num país abstrato, sem povo, sem contradições, que acreditam na imposição de um pensamento único que reflete seu limitado entendimento do que seja uma sociedade: “Nos quartéis lhes ensinam uma antiga

lição/ De morrer pela pátria e viver sem razão”.

Vandré falou de uma pátria impositiva, cruel e excludente, tão antagônica à citada por Vinicius de Moraes: “A minha pátria é como se não fosse, é íntima/ Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo”. A pátria sem sapatos, sem meias, tão pobrinha — e adorável: “Vontade de beijar os olhos de minha pátria/ De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...”.

Nascido da violência da escravidão, torturado por ditaduras e preso a tantas injustiças, o Brasil volta e meia bate com a cabeça na parede, volta-se contra si mesmo. Em 2018, decidiu, no voto, respaldar um projeto autoritário, grosseiro, excludente. Foi como uma criança que, reconhecendo sua incompetência e imaturidade,

pede ajuda a um pai severo, que iria colocar tudo em seu lugar.

Amados ou não, perdidos de pedras na mão, dispostos a viver sem razão, milhões de brasileiros ocuparam o lugar dos soldados cantados por Vandré. Marcharam na porta de quartéis, clamaram por um golpe, abriram mão da dignidade cidadã.

Hoje, sabemos que corremos um risco muito grave, que por pouco não fomos jogados num projeto que tinha tudo para desambar numa carnificina como a verbalizada, em 1999, por Jair Bolsonaro.

É preciso aprender a sempre renovada lição da democracia, civilizar o poder militar, abrir mão da carência autoritária — vencidos, os canhões têm que ficar em seus devidos lugares.

Sérgio Cabral*

O Brasil não é para principiantes

O racismo disfarçado do Brasil tem situações em que pessoas são capazes de rejeitar a imputação de racistas ao dizer: “tenho até amigo preto”. Ao longo da minha existência de 61 anos, às vésperas de completar 62, isso me provoca asco.

E assim segue-se ouvindo barbaridades. Ao descrever uma pessoa: aquela, sim aquela, e passa a mão no braço branco como a demonstrar que se refere a uma pessoa de cor preta. “Aquela moreninha...”, como se fosse uma característica depreciativa do ser humano a cor preta e, por isso, “moreninha”.

O Brasil foi o último país a libertar o povo preto da escravidão. Um marco pavoroso. Sugiro ao Ministério da Educação que adote a trilogia do escritor Laurentino Gomes, ESCRAVIDÃO, editada pela Globo Livros, para as alunas e alunos do ensino médio. Imperdível e imprescindível. Após a sua leitura, com certeza que o seu conhecimento histórico e a sua própria consciência irão ficar melhores, como fiquei; mesmo tendo sido educado e criado em uma casa antirracista, mesmo tendo sido presidente do legislativo estadual e condutor da primeira lei de cotas raciais nas universidades públicas, mesmo tendo sido o governador precursor da primeira lei

de cotas em concursos públicos.

Infelizmente, a barbárie e o preconceito estão no DNA do Brasil. E, para modificar tal realidade atávica, precisamos ser radicalmente expostos ao que somos, para nos modificarmos em consciência coletiva e individual.

Vejo jornalistas, intelectuais e analistas políticos esclarecidos bombardearem as políticas identitárias, como se a população estivesse cansada desse assunto. Não é verdade! A maioria da população compreende e precisa ter líderes que saibam comunicar e defender tais bandeiras.

Quando presidente da ALERJ, fui autor, com Carlos Minc, da primeira lei no país a estender os direitos previdenciários aos parceiros homoafetivos e parceiras homoafetivas de servidores públicos falecidos. Me lembro bem da reação de parlamentares conservadores que foram para tribuna da ALERJ me ameaçar e afirmar que assim não me elegeria senador da república no ano seguinte, 2002. Pois fui o senador mais votado da história do estado do Rio, com 1 milhão de votos à frente do segundo colocado. Na eleição para governador, a mesma ladainha contra mim. Fui eleito com 70% dos votos no segundo turno, em 2006. A lei do direito

previdenciário público aos casais homoafetivos ganhou outro status e se solidificou.

Quando fortaleci a lei de cotas raciais nas universidades, o então deputado estadual Flávio Bolsonaro, com quem tenho até hoje uma relação civilizada, entrou na justiça para barrar a sua extensão para todos os anos da graduação e o aumento do valor da bolsa de apoio que eu havia decretado. Ganhou uma liminar, mas em seguida perdeu a luta judicial. Ao implementar a primeira lei de cotas para concurso público, em 2011, outra reação forte do establishment. Dessa vez, com as teses sórdidas de Ali Kamel, então poderoso diretor de jornalismo da Globo. Que publicou um livro, cujo título é: Não somos racistas. Até hoje não li seu pedido de desculpas por tal fascismo declarado.

Em maio de 2011, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), de forma unânime, equiparou as relações entre pessoas do mesmo sexo às uniões estáveis entre homens e mulheres, reconhecendo, assim, a união homoafetiva como um núcleo familiar. Inicialmente do meu governo por intermédio da Procuradoria do Estado. À qual se associou a Procuradoria da República. Tivemos uma vitória maiúscula e cidadã. Vale a leitura

do voto histórico do relator, o então ministro Ayres Britto.

Lula e Haddad estão à frente de medidas para tornar o país um pouco mais equânime. Sem perder de vista o zelo fiscal, fundamental para as contas públicas e solvência do país. Tomaram uma medida importante que será ainda avaliada pelo Congresso Nacional e, consequentemente pelo STF, por despertar a ira dos setores atingidos. Ao deixar de tributar o imposto de renda aos que ganham até 5 mil reais, ok. Ninguém é contra. Mas para compensar tal justiça tributária, propõe aumentar a alíquota de quem tem renda direta ou indireta acima de 50 mil reais/mês. Mexeu no calo não só dos milionários, mas na classe média alta. Aquela que não é milionária mas trabalha para os milionários de alguma forma. Uma aliança quase imbatível no Brasil.

Bem, governar o Brasil não é fácil. Mas, como um atendente uma vez na Bahia me respondeu ao perguntar-lhe se havia misto quente na lanchonete: “tem, mas tem que fazer”.

PS: que aula de bom futebol do glorioso Botafogo, em Buenos Aires! Só falta o meu Vasco...

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Conflito global - Os alertas de guerra na Europa preocupam o mundo

1-OS ALERTAS DE GUERRA NA EUROPA que preocupam o mundo. Alertas feitos por autoridades europeias sobre a necessidade de o continente se preparar para um possível conflito têm elevado os níveis de tensão na região. Na segunda-feira (25/11), um oficial da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) instou empresas na Europa a se prepararem para um cenário de guerra e a ajustarem suas linhas de produção e distribuição, a fim de ficarem menos vulneráveis à chantagem de países como Rússia e China. O presidente Vladimir

Putin anunciou em novembro uma mudança no protocolo russo sobre o uso de armas nucleares, relaxando os critérios para o emprego desse tipo de armamento em um conflito. Pouco antes, Estados Unidos e Reino Unido cruzaram (outra) linha vermelha traçada por Putin, ao permitirem que a Ucrânia dispare contra a Rússia mísseis de longo alcance fornecidos pelo Ocidente. E tudo isso aconteceu na mesma semana em que Putin ameaçou o Reino Unido, os EUA e qualquer outro país que estiver suprimindo a Ucrânia com esse tipo de arma

e para esse tipo de propósito. O primeiro-ministro da Polônia, Donald Tusk, fez um alerta sobre uma ameaça “séria e real” de guerra global. A invasão em larga escala da Ucrânia pela Rússia “está entrando em uma fase decisiva”, disse Tusk em um discurso ao Sindicato dos Professores Poloneses na sexta-feira (22/11). “Os eventos das últimas dezenas de horas mostram que esta ameaça é realmente séria e real em termos de um conflito global”. (...) (BBC News Brasil)

2-PRODUÇÃO INDUS-

TRIAL DA CHINA cresce pela 2ª vez seguida e chega ao maior nível em 7 meses. Reuters. O Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) do Gabinete Nacional de Estatísticas subiu sábado (30) acima da marca de 50, que separa crescimento de retração. (...) (CNN Brasil)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

O culto à magreza pode ser (muito) perigoso

“Magras, magras, magras”. Essa é uma nova trend que viralizou nas redes sociais, em especial no TikTok. Os vídeos, postados em tom de humor, envolvem duas ou mais pessoas (na massiva grande maioria mulheres) em situações que envolvem déficit calórico — geralmente passar horas sem comer, passar por cirurgias que limitem a alimentação ou demais situações que envolvam a outra pessoa perder peso para se encaixar no recuperado e sonhado padrão de beleza: a magreza, em geral magreza extrema.

Apesar das publicações serem feitas em tom humorístico, o teor dos vídeos e a constante busca pela magreza (por questões estéticas acima da saúde) pode levar distúrbios de alimentares (como bulimia e anorexia), dismorfia corporal (transtorno mental quando uma pessoa não consegue ver seu corpo como ele de fato é), além de outros problemas de saúde.

E a busca por esse objetivo, geralmente através de intervenções estéticas, pode custar muito caro. Na última semana, uma mulher de 31 anos morreu

em decorrência de um procedimento de hidrolipo em uma clínica de estética, em São Paulo. Durante o procedimento ela teve parada cardiorrespiratória e foi levada às pressas para o hospital, mas não sobreviveu. De acordo com o marido dela, em entrevistas a diversos meios de comunicação, ela realizou o procedimento com um médico que conheceu através das redes sociais. Posteriormente, se descobriu que ele já tinha sido processado ao menos 22 vezes por outros pacientes. Ela entrou na clínica para realizar um sonho e não voltou mais.

A questão não demonizar cirurgias plásticas ou demais procedimentos estéticos, mas alertar que a busca sem responsabilidade por um corpo não saudável, mesmo que (momentaneamente) ele possa ser considerado belo, pode custar muito mais do que os R\$ 2 mil em canetas emagrecedoras ou demais métodos para chegar no objetivo final do corpo magro para o projeto verão. O emagrecimento por estética não é um demérito, desde que seja feito de forma saudável e com responsabilidade.

Acompanhando a transformação

As transformações globais ocorrem em uma velocidade jamais vista. Epidemias, desastres climáticos e o avanço da inteligência artificial já não são mais especulação de ficção científica. São realidades que desafiam não apenas governos, mas também o papel das instituições de ensino e pesquisa em preparar profissionais para enfrentá-las.

O exemplo recente da pandemia de Covid-19 ilustra bem essa questão. O coronavírus, desconhecido para a maioria em outubro de 2019, se transformou em uma emergência global apenas alguns meses depois, evidenciando lacunas no preparo e na resposta. O “como” e o “quando” dessas crises imprevisíveis demandam mais do que reações rápidas: exigem instituições capazes de antecipar cenários e formar profissionais que não apenas acompanhem as mudanças, mas liderem as soluções.

A Ilum, a escola de ensino superior vinculada ao Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), desponta como um exemplo promissor desse esforço. Concebida para formar cientistas interdisciplinares e ousados, a instituição aposta em um modelo educacional que alia ciência de dados, inteligência artificial e machine learning a uma prática experimental de ponta. Em um mundo onde os dados são tão valiosos quanto o petróleo, essa abordagem não é apenas inovadora, mas necessária.

No entanto, o modelo da Ilum, com apenas 40 alunos por ano, mostra também um paradoxo. Se, por um lado, a exclusividade garante qualidade e resultados excepcionais, por outro, levanta a questão: como escalar esse modelo para impactar mais pessoas em uma sociedade tão desigual?

Opinião do leitor

Bestalhões

Paulo Cezar Caju (correio da manhã= 28/11) fez muito bem, criticando e retrucando críticas infames de “analistas”, sobretudo paulistas, contra o futebol carioca. Não jogam nem pedra em mangueira, quanto mais futebol. Pobres diabos.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO SUL FLUMINENSE NA HISTÓRIA

Reprodução/Google



Casarão de Arrozal

CASARÃO DE ARROZAL

O solar construído em 1711 foi a sede da Fazenda Cachoeira, pertencente ao Capitão-mor José de Souza Breves, importante figura da região. Posteriormente, abrigou o teatro municipal e a banda de música de Arrozal, fundada há mais de cem anos e batizada de Santa Cecília Arrozalense, padroeira dos músicos, cuja data é celebrada em 21 de no-

vembro. O imóvel guarda um rico acervo histórico da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que existiu entre 1841 e 1941, com cerca de mil membros do toda região Sudeste. A irmandade foi proprietária do casarão por um século, até doá-lo à Mitra Diocesana. Há 30 anos, o casarão passou por uma grande reforma, mas foi abandonado e ficou

em estado precário até que, há três anos, Irmã Elizabeth criou o projeto do Casarão das Artes. Hoje, o espaço oferece mais de dez oficinas para cerca de 120 pessoas, incluindo tecelagem e culinária artesanal. Irmã Elizabeth sonha em incluir o casarão no roteiro turístico da região, promovendo almoços e a venda de artesanatos locais.

Correio Sul Fluminense

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com
Bruno Portella (Diretor)
Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Sonia Paes (editora), Luana Motta, Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)

Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Volta Redonda: Av. Paulo de Frontin, 590- sala 1306 - CEP 27213-270

Bairro Atterrado - Volta Redonda - RJ

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

CEP: 22775-057

www.correiosulfluminense.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.